



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Almerinda da Silva Lopes
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

A Arte Experimental e Política de Paulo Herkenhoff

As décadas de 1960-70 foram marcadas por uma sintomática mudança do processo definidor e judicativo da arte, pelo alargamento e não fixidez das linguagens. Com o olhar voltado para os acontecimentos internacionais, a nova geração de artistas que então emergia, estava ao mesmo tempo decidida a estabelecer conexões entre a atividade criativa e a realidade política instaurada no país, no sentido de ironizá-la e criticá-la. Trafegando na esteira da “Nova Objetividade”, instaurava a necessidade de substituir os conceitos de arte pela arte e de antiarte, pela ideia de arte total, por meio de um fluxo variado de atividades e ações públicas participativas e relacionais. Essa geração arrancava a arte do interior sacralizado dos museus e ateliês e levava-a para espaços alternativos, como ruas e praças, demovendo o velho antagonismo entre arte e vida, e transformando a arte em uma simples ação, atitude ou gesto criativo. O fetiche da obra de arte única, estável, narrativa, perene, bem acabada, daria lugar a ações experimentais e performáticas e a micronarrativas pessoais que conectam subjetividade/objetividade, mente/corpo. O artista passaria a atuar em territórios de contornos indefinidos ou pouco nítidos, desconhecidos, ambíguos, paradoxais, movediços. É nesse contexto e com tais prerrogativas que se iniciava a produção experimental, relacional, lúdica, efêmera do multimídia capixaba radicado no Rio de Janeiro, Paulo Herkenhoff (1949), artista que transformou o jornal em material privilegiado de suas instalações, performances, videotapes, vídeos, livros de artista. Lançava um olhar irônico sobre manchetes, textos, palavras e imagens de diferentes jornais, brasileiros e estrangeiros, enquanto porta-vozes dos discursos dominantes, para articular com deles ou a partir deles mensagens ou códigos cifrados, e questões de natureza política, em torno da ideia de perseguido e perseguidor. Leitor assíduo de filósofos como Bachelard, Russel, Bataille, Foucault, encontrou em obras do último: História da Sexualidade e Vigiar e Punir, personagens e fatores que remetem à censura, interdição, repressão e cerceamento da liberdade impostos aos indivíduos pelo regime militar. A comunicação dialogará com proposições elaboradas na década de 1970, que foram expostas pelo artista nas Galerias Homero Massena e Arte e Pesquisa da UFES (Vitória).